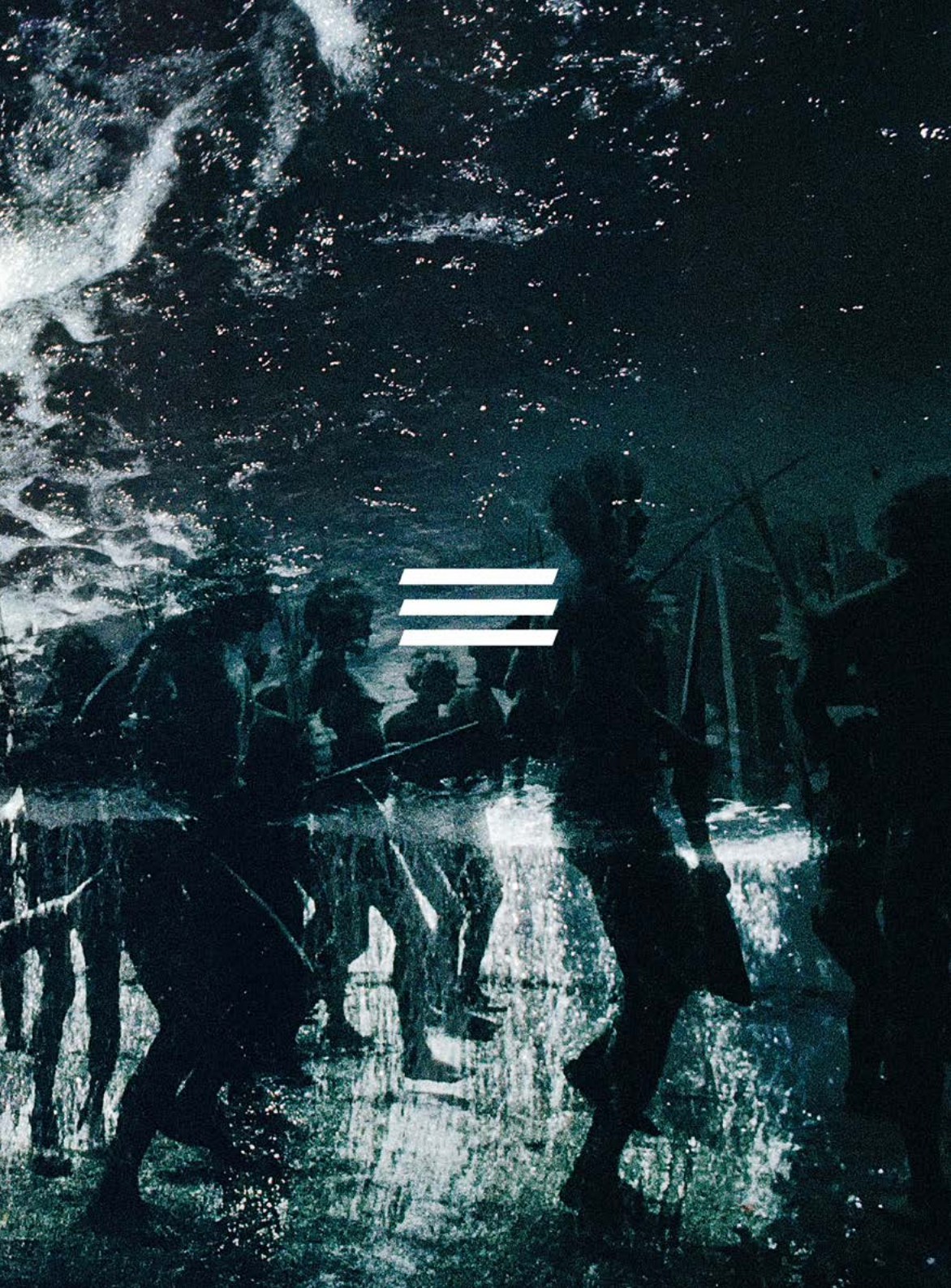




MINISTÉRIO DA CULTURA, CBMM E ITAÚ APRESENTAM

16 CÁSSIO VASCONCELLOS
66 CLAUDIA ANDUJAR
82 DANIELA PAOLIELLO
76 FLORENCE GOUPIL
8 FRANS KRAJCBERG
36 LABŌ YOUNG E IGOR FURTADO
56 LALO DE ALMEIDA
46 MUSUK NOLTE
26 SIÂN DAVEY

FOTO EM PAUTA

organização

JOÃO CASTILHO E PEDRO DAVID

Mundo = *Floresta*

JOÃO CASTILHO E PEDRO DAVID

Num planeta a 27 anos-luz de distância da Terra, a floresta é a própria forma do mundo. Em Athshe, tudo nasce, vive e pensa, a partir das imensas matas que cobrem sua superfície. Elas regulam o clima, sustentam os corpos e moldam a consciência de seus habitantes, que não se veem como seres separados da natureza. Árvores e sonhos formam um mesmo invólucro vital, no qual não há dominação, tampouco exploração. Ali, a floresta é memória, abrigo e pensamento coletivo, existindo em um equilíbrio delicado, que sugere uma maneira responsável de habitar e cuidar.

Todo esse equilíbrio é abalado com a chegada de colonizadores terrestres, plenos em sua lógica extrativista predatória, em busca de madeira que, já extinta na Terra, agora é altamente valorizada. O choque entre os povos é tão brutal, que todos são obrigados a se transformar. Essa é a história de Floresta é o Nome do Mundo (1972), da escritora norte-americana Ursula K. Le Guin.

On a planet 27 light-years distant from Earth, the forest is the very form of the world. In Athshe, everything is born, lives, and thinks out of the immense forests that cover its surface. They regulate the climate, support bodies and shape the consciousness of its inhabitants, who don't see themselves as separated beings from nature. Trees and dreams are part of a single vital wrap, in which there is neither domination nor exploitation. There, the forest is memory, shelter and collective thought, existing in a delicate balance, suggesting a responsible way of inhabiting and caring.

All this balance is shaken by the arrival of terrestrial colonizers, full of their predatory extractive logic, in search of wood that had already being extinct on Earth, and which is then highly valued. The clash between the peoples is so brutal that everyone is forced to transform themselves. This is the story in The Forest Is the Name of the World (1972), written by the American writer Ursula K. Le Guin.

Nesta exposição, para a 15ª edição do Festival de Fotografia de Tiradentes, realizamos uma leitura fotográfica desse livro. Operação na qual um sistema de signos é interpretado por outro sistema de natureza diferente, como o da linguagem verbal pela linguagem visual.

As duas linguagens aqui envolvidas – fotografia e literatura – guardam enormes distâncias entre si, o que talvez as aproxime. Aquilo que falta a uma, parece constituir justamente a força da outra, e ambas, em fricção, podem operar uma nova alquimia, com novas sensações e reações poéticas. Nossa exposição produz uma caixa de ressonâncias entre essas linguagens, reformulando visualmente

For this exhibition, presented as part of the 15th edition of the Tiradentes Photography Festival, we undertook a photographic reading of this book – an operation in which one system of signs is interpreted through another of a different nature, as when verbal language is translated into visual language.

The two languages involved here – photography and literature – are vastly different from each other, which perhaps is what brings them closer. What one lacks seems to constitute precisely the strength of the other, and both, in friction, can operate a new alchemy, with fresh sensations and poetic reactions. Our exhibition produces a resonance chamber between these languages, visually reformulating tensions and environmental descriptions of the text.

as tensões e as descrições ambientais do texto.

Não foi por acaso que escolhemos um livro de ficção científica. Tal gênero literário, muitas vezes relegado à segunda prateleira, faz parte hoje de uma renovação da literatura de ficção. Os mundos pós-apocalípticos e os diversos cenários de fins do mundo imaginados pelo gênero, podem ser vistos atualmente como um novo realismo. As fotografias de Frans Krajcberg e Lalo de Almeida, assim como a narrativa de Le Guin, não são imagens de outra terra.

A fotografia não corresponde ao texto, ela o ecoa de forma radicalmente imagética, com as próprias ferramentas e habilidades. Isso se dá nas fotografias criadas por Daniela Paoliello, que nos trazem a atmosfera de uma viagem sideral. Assim como no trabalho retrofuturista da dupla Labō Young e Igor Furtado, que acelera o tempo a uma velocidade capaz de desarticular os vetores temporais.

We haven't chosen a science fiction book randomly. This literary genre, often downgraded to the second shelf, is now part of a renewal of fiction literature. The post-apocalyptic worlds and the various end-of-the-world scenarios imagined by the genre can currently be seen as a new realism. The photographs by Frans Krajcberg and Lalo de Almeida, as well as Le Guin's narrative, are not images of another land.

Photography doesn't match the text; it echoes it in a radically imagistic way, with its own tools and skills. This occurs in the photographs created by Daniela Paoliello, which bring us the atmosphere of a space journey. Similarly, in the retro-futuristic work of the duo Labō Young and Igor Furtado, which accelerates time to a speed able of dismantling temporal vectors.

The healing processes of Florence Goupil and Cássio Vasconcellos' forest fantasies of dense woods remind us that, in Le Guin's book, something that decisively differentiates the two cultures

Os processos de cura de Florence Goupil e as fantasias florestais das matas fechadas de Cássio Vasconcellos nos lembram que, no livro de Le Guin, algo que diferencia as duas culturas de forma determinante é a capacidade que uma tem, e a outra não, de sonhar acordada. Os sonhos de Claudia Andujar, o xamanimo de Musuk Nolte e as miragens florais de Siân Davey são imagens impossíveis para aqueles que só sonham dormindo, mas podem soar familiares a quem já busca o caminho da reconexão entre o "tempo dos sonhos" e o "tempo do mundo".

is the capacity that one has, and the other does not, to daydream. Claudia Andujar's dreams, Musuk Nolte's shamanism, and Siân Davey's floral mirages are impossible images for those who only dream while sleeping, but they may sound familiar to those already seeking the path of reconnection between "dream time" and "world time."

Na matemáica e na lógica, o símbolo ≡ indica equivalência, identidade ou correspondência entre diferentes termos.
Ao nomear esta mostra como Mundo ≡ Floresta, o símbolo propõe uma visão em que a floresta não é um elemento do mundo, mas o próprio mundo. Uma perspectiva alinhada à cosmologia de diversos povos indígenas da América do Sul.

In mathematics and logic, the symbol ≡ denotes equivalence, identity, or correspondence between different terms. By naming the exhibition Mundo ≡ Floresta, the symbol proposes an understanding in which the Forest is not simply one element within the world, but the world itself, in a perspective that resonates with the cosmologies of many Indigenous peoples of South America.



8

FRANS KRAJCBERG









FRANS KRAJCBERG (Polônia/Brasil, 1921-2017) foi um artista polonês naturalizado brasileiro, judeu sobrevivente da Segunda Guerra Mundial, profundamente marcado pelo extermínio humano e ambiental. Radicado no Brasil, a partir dos anos 1950, construiu uma obra que atravessa escultura, fotografia e pintura, orientada por um compromisso radical com a defesa da natureza, tornando-se uma das vozes pioneiras da arte ambiental..

//

(Poland/Brazil, 1921-2017) was a Polish-born naturalized Brazilian artist, a Jewish survivor of World War II, profoundly marked by human and environmental destruction. Settled in Brazil since the 1950s, he built a body of work spanning sculpture, photography, and painting, guided by a radical commitment to the defense of nature, becoming one of the pioneering voices of environmental art.

A obra fotográfica de Frans Krajcberg se dá na relação física, direta e ética com a paisagem, especialmente com florestas devastadas, troncos queimados e áreas marcadas pela ação predatória humana. Árvores calcinadas, raízes expostas e fragmentos de terra compõem suas imagens de forte potência simbólica e testemunhal. A fotografia em Krajcberg é indissociável de uma postura militante. Para o artista, fotografar é um gesto de resistência e de luto, um modo de tornar visível a destruição ambiental e de convocar o espectador a uma posição ética.

Sua produção fotográfica, no entanto, não pode ser dissociada de sua prática escultórica. Ambas caminham juntas e se moldam mutuamente. Krajcberg fotografa como um escultor, selecionando cuidadosamente os elementos da paisagem. Com o uso de uma lente de campo de visão fechado, ele enquadra troncos, isola formas e desfoca o fundo, construindo uma linguagem fotográfica alinhada à sua linguagem escultórica.

A faceta "fotógrafo" de Frans Krajcberg, embora apresentada em algumas ocasiões, permaneceu secundária por décadas. Isso contribuiu para que muitas das fotografias aqui exibidas estejam sendo expostas pela primeira vez. O contato da curadoria com Eric Darmon, diretor do Espace Frans Krajcberg e amigo do artista, revelou a existência de um amplo arquivo fotográfico produzido nos anos 1980 e preservado em seu antigo ateliê em Paris, hoje um centro dedicado à arte contemporânea e à ecologia.

*T*he photographic work of Frans Krajcberg emerges from a physical, direct, and ethical relationship with the landscape, particularly with devastated forests, charred trunks, and areas scarred by predatory human activity. Calcined trees, exposed roots, and fragments of earth compose his images, which carry a powerful symbolic and testimonial force. For Krajcberg, photography is inseparable from a militant stance. For the artist, photographing is a gesture of resistance and mourning - a way to make environmental destruction visible and to summon the viewer to an ethical position.

His photographic production, however, cannot be dissociated from his sculptural practice. Both walk hand in hand and mutually shape each other. Krajcberg photographs like a sculptor, carefully selecting elements of the landscape. Using a lens with a narrow field of view, he frames trunks, isolates forms, and blurs the background, creating a photographic language aligned with his sculptural idiom.

The "photographer" facet of Frans Krajcberg, although presented on a few occasions, remained secondary for decades. This contributed to many of the photographs displayed here being exhibited for the first time. The curatorial team's contact with Eric Darmon, director of the Space Frans Krajcberg and a friend of the artist, revealed the existence of a vast photographic archive produced in the 1980s and preserved in his former studio in Paris, which is today a center dedicated to contemporary art and ecology.

16

Viagem pitoresca pelo Brasil



CÁSSIO VASCONCELLOS







CÁSSIO VASCONCELLOS (São Paulo/SP, 1965) é um dos principais nomes da fotografia brasileira contemporânea. Sua produção investiga a paisagem, a cidade e os modos de representar o espaço, articulando rigor técnico, reflexão conceitual e atenção às transformações ambientais e culturais do Brasil.

//

(São Paulo/SP, 1965) is one of the leading names in contemporary Brazilian photography. His work investigates the landscape, the city, and ways of representing space, articulating technical rigor, conceptual reflection, and attention to the environmental and cultural transformations of Brazil.

Em *Viagem pitoresca pelo Brasil*, Cássio Vasconcellos apresenta uma releitura crítica e poética da tradição das viagens científicas e artísticas que contribuíram para a formação do imaginário visual, do Brasil, no século XIX. A partir de 1816, diversas missões e expedições aportaram no país com o objetivo de estudar e retratar seu território, catalogando fauna, flora, geografia e população. Esse conjunto de registros fez do Brasil um país com documentação visual rica e instigante, frequentemente representado como um paraíso perdido, ora belo e fascinante, ora temeroso e sublime.

O artista revisita o gênero da "viagem pitoresca", consolidado no século XIX por meio de desenhos e aquarelas, como em Viagem pitoresca e histórica ao Brasil, do pintor francês Jean-Baptiste Debret (1834–1839). No século XXI, Vasconcellos produz novas imagens das florestas brasileiras com o auxílio de tecnologias contemporâneas, empregando processos de captação e edição digital e, assim, recria a visualidade dos álbuns históricos impressos em litogravura.

Os artistas-viajantes do século XIX eram, em sua maioria, estrangeiros e retratavam o país com base em um olhar naturalista e extrativista. Ao propor uma contraviagem, Vasconcellos substitui o ponto de vista do viajante europeu pelo de um artista brasileiro, reivindicando o próprio território em um exercício crítico do olhar e de reinserção da paisagem. Em vez de celebrar o território como descoberta ou espetáculo, como no legado colonial e cientificista, a série convida o espectador a reconhecer camadas históricas, políticas e ambientais inscritas nessas imagens.

In *A Picturesque Journey to Brazil*, Cássio Vasconcellos presents a critical and poetic reinterpretation of the tradition of scientific and artistic journeys, which have contributed to the formation of Brazil's visual imagination in the 19th century. From 1816 onwards, various missions and expeditions arrived in the country with the aim of studying and portraying its territory, cataloging fauna, flora, geography, and population. This set of records made Brazil a country with rich and intriguing visual documentation, frequently represented as a lost paradise, sometimes beautiful and fascinating, sometimes fearful and sublime.

The artist revisits the genre of the "picturesque journey," consolidated in the 19th century through drawings and watercolors, such as in Picturesque and Historical Journey to Brazil, by the French painter Jean-Baptiste Debret (1834 - 1839). In the 21st century, Vasconcellos produces new images of Brazilian forests with the aid of contemporary technologies, employing digital capture and editing processes, thus recreating the visuality of historical albums printed in lithography.

The traveling artists of the 19th century were mostly foreigners, and they have portrayed the country contingent upon a naturalistic and extractive gaze. By proposing a counter-journey, Vasconcellos replaces the point of view of the European traveler with that of a Brazilian artist, reclaiming his own territory in a critical exercise of looking and reintegrating the landscape. Instead of celebrating the territory as a discovery or a spectacle, as in the colonial and scientistic legacy, the series invites the viewer to recognize the historical, political, and environmental layers inscribed in these images.

26

O

Jardim



SIÂN DAVEY







SIÂN DAVEY (Reino Unido, 1964) é uma fotógrafa reconhecida por projetos de longo prazo que exploram intimidade, família, comunidade e saúde mental. Com formação em Artes e Psicoterapia, sua prática fotográfica é profundamente atravessada pela escuta e pela construção de relações éticas com os sujeitos fotografados.

//

(United Kingdom, 1964) is a photographer renowned for long-term projects that explore intimacy, family, community, and mental health. With a background in Fine Arts and Psychotherapy, her photographic practice is deeply informed by listening and the construction of ethical relationships with her subjects.

***O Jardim*, de Siân Davey, é uma obra fotográfica que toma o espaço doméstico, particularmente o jardim, como território de cuidado, convivência e transformação. Inspirada no próprio jardim da artista, no sudoeste da Inglaterra, a série nasceu de um gesto simples, mas radical, sugerido por um dos filhos da artista: restaurar o jardim da casa, abandonado havia pelo menos dez anos, para, então, convidar pessoas a visitá-lo e serem fotografadas pela mãe.**

Além de fotógrafa, Davey é psicoterapeuta, e soube oferecer tempo, calma e acolhimento a passantes, vizinhos e amigos. Com o desabrochar das novas flores, toda a comunidade que as rodeiam foi convidada a entrar, a conhecer o jardim, a deitar no divã, e a posar para os retratos. A série se caracteriza pelo estabelecimento de uma relação íntima, com enquadramentos próximos, luz natural e atenção aos gestos, aos corpos e às pequenas ações. As fotografias alternam retratos, detalhes do jardim e cenas de interação das pessoas com as plantas e as flores.

Influenciadas pela confiança e pela repetição dos encontros, as imagens nos oferecem uma sensação de serenidade e de vulnerabilidade compartilhadas. Evocam os sonhos e o inconsciente. O jardim funciona, simultaneamente, como cenário, abrigo e personagem, refletindo ciclos de crescimento, cuidado e regeneração, que atravessam tanto o espaço vegetal quanto as relações humanas.

The Garden, by Siân Davey, is a photographic body of work that engages the domestic space, particularly the garden, as a territory of care, coexistence, and transformation. Inspired by the artist's own garden in southwest England, the series was born from a simple, yet radical gesture suggested by one of her children: to restore the family garden, which had been abandoned for at least ten years, and subsequently invite people to visit it and be photographed by their mother.

In addition to being a photographer, Davey is a psychotherapist, and she was able to offer time, stillness, and a welcoming presence to passersby, neighbors, and friends. As the new flowers bloomed, the entire surrounding community was invited to enter, explore the garden, lie on the couch, and pose for portraits. The series is characterized by the establishment of an intimate relationship, featuring tight framing, natural light, and an attentive focus on gestures, bodies, and minor actions. The photographs alternate between portraiture, details of the garden, and scenes of interaction between people, plants, and flowers.

Influenced by trust and the repetition of encounters, the images offer a sense of shared serenity and vulnerability. They evoke dreams and the unconscious. The garden functions simultaneously as a setting, a sanctuary, and a character, reflecting cycles of growth, care, and regeneration that cut across both the vegetative space and human relationships.

A ilha que o tempo esqueceu



LABŌ YOUNG
E IGOR FURTADO











LABŌ YOUNG (Icoaraci/PA, 1995) é artista visual e stylist, vive em Icoaraci, distrito de Belém do Pará, na Amazônia brasileira. Criado em meio às culturas marajoara e tapajônica, desenvolve trabalhos que articulam saberes ancestrais e elementos da vida cotidiana.
//
(Icoaraci/PA, 1995) is a visual artist and stylist based in Icoaraci, a district of Belém do Pará in the Brazilian Amazon. Raised amidst Marajoara and Tapajônica cultures, they develop works that articulate ancestral knowledge and elements of daily life.

IGOR FURTADO (Rio de Janeiro/RJ, 1996) é fotógrafo e editor. Mora no Rio de Janeiro (RJ) e realiza trabalhos engajados com a comunidade LGBTQ+, articulando fantasia e realidade e explorando tensões entre o natural e o artificial.
//
(Rio de Janeiro/RJ, 1996) is a photographer and editor. Based in Rio de Janeiro (RJ), his practice engages deeply with the LGBTQ+ community, interweaving fantasy and reality while exploring the tensions between the natural and the artificial.

A série *A ilha que o tempo esqueceu* explora a relação entre corpos, paisagem e natureza, inspirada na história das Ilhas Caimã, localizadas no Caribe. Por ser uma comunidade marítima remota, seus habitantes dependiam diretamente da natureza para suprir necessidades essenciais. O modo de vida local organizava-se mirando a pesca, a agricultura e o uso sensível dos recursos naturais. Objetos, acessórios e vestimentas eram produzidos com folhas da palmeira prateada, espécie abundante na região.

Vivendo por mais de um mês nas ilhas, durante a residência artística Open Palm, Labō Young e Igor Furtado passaram a explorar interseções entre a história local e os saberes tradicionais que atravessam o território e a prática artística de ambos. Labō teceu tramas com folhas e sementes, dando origem a vestuários e acessórios que se aproximam de esculturas vestíveis, enquanto Furtado documentou o processo e a presença desses corpos-esculturas na paisagem.

As fotografias resultantes afastam-se do olhar turístico frequentemente lançado ao arquipélago. O que está em jogo é uma forte conexão entre corpo e natureza, ativada por tecnologias orgânicas e ancestrais do fazer humano. Criada com recursos naturais e atravessada por memórias coletivas, a série propõe refletir sobre as camadas de transformação que moldam territórios e corpos insulares.

The series *The island that time forgot* explores the relationship between bodies, landscape, and nature, inspired by the history of the Cayman Islands in the Caribbean. As a remote maritime community, its inhabitants depended directly on nature to meet essential needs. The local way of life was structured around fishing, agriculture, and a conscious utilization of natural resources. Objects, accessories, and garments were produced using leaves from the silver thatch palm, an abundant species in the region.

Living for over a month on the islands during the Open Palm artist residency, Labō Young and Igor Furtado began exploring intersections between local history and the traditional knowledge that permeates both the territory and their respective artistic practices. Labō wove intricate patterns with leaves and seeds, giving rise to garments and accessories that border on wearable sculptures, while Furtado documented the process and the presence of these body-sculptures within the landscape.

The resulting photographs distance themselves from the tourist gaze frequently cast upon the archipelago. What is at stake is a profound connection between body and nature, activated by organic and ancestral technologies of human making. Created with natural resources and steeped in collective memories, the series proposes a reflection on the layers of transformation that shape territories and insular bodies.

46

Os

pertences

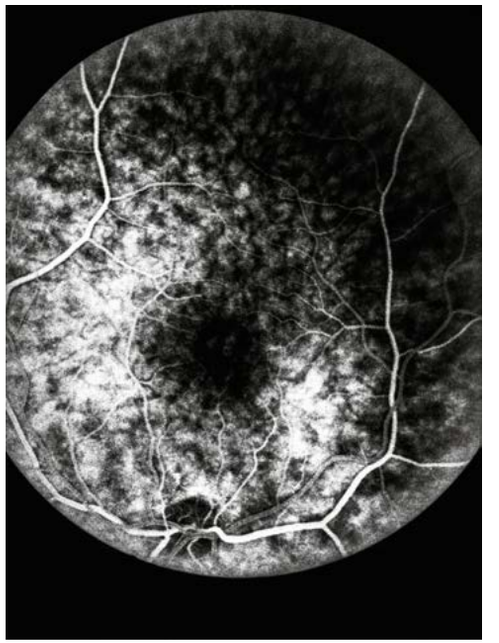
do

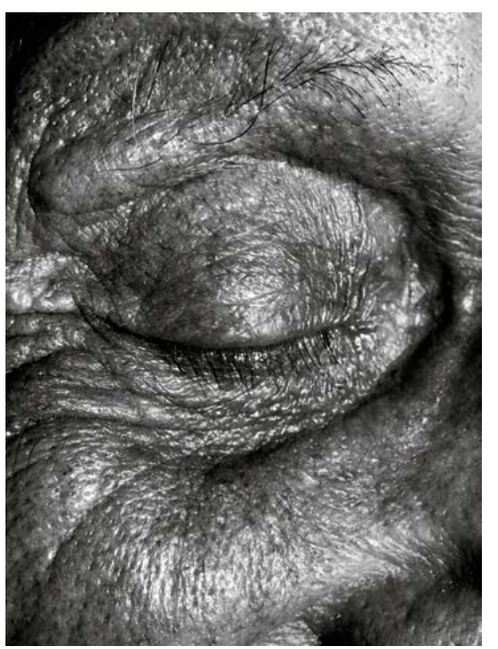


ar

MUSUK NOLTE















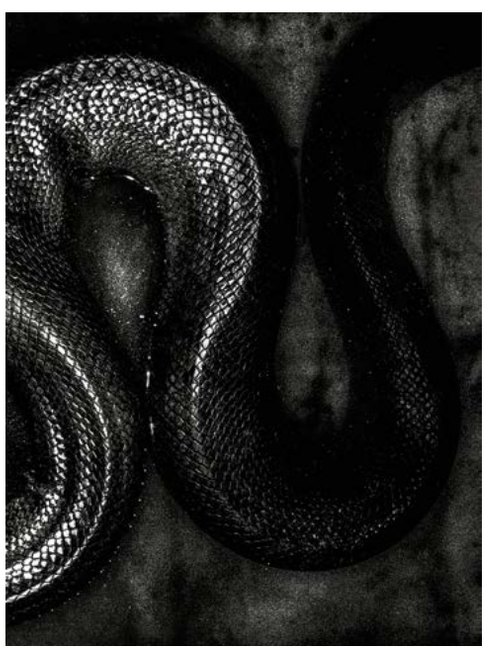











MUSUK NOLTE (Peru/México, 1988) é um reconhecido fotógrafo latino-americano, cuja prática envolve processos de imersão prolongada em contextos marcados por transformações ambientais e culturais. Seu trabalho articula fotografia e deslocamento, dialogando com saberes indígenas e cosmologias não ocidentais sem recorrer a estratégias exotizantes.

//

(Peru/Mexico, 1988) is a renowned Latin American photographer whose practice involves processes of prolonged immersion in contexts shaped by environmental and cultural transformations. His work articulates photography and displacement, in dialogue with indigenous knowledge and non-Western cosmologies without resorting to exoticizing strategies.

***Os pertences do ar* (*Las pertenencias del aire*), de Musuk Nolte, é uma série fotográfica sobre a floresta como espaço de circulação de forças invisíveis. Desenvolvido com base na experiência do artista com a ayahuasca – bebida feita da fervura de um cipó com as folhas de uma planta, que vem sendo usada, há séculos, em culturas indígenas e ribeirinhas por suas propriedades de cura, transformação e alteração da consciência –, este trabalho afasta-se da lógica da narrativa imagética convencional para se aproximar de outro regime sensível.**

Na série, a influência da ayahuasca não aparece como tema; em realidade, ela está incorporada ao próprio ato fotográfico e à escolha das imagens. Marcadas pelo uso do preto e branco de alto contraste, pela predominância da verticalidade e pela escolha por quadros fechados, as fotografias sugerem certa desorientação dos sentidos, enquanto evocam a vastidão, a complexidade e a natureza fugidia do universo amazônico.

Nesse espaço alterado da percepção, o ambiente é visto em sua multiplicidade, ou seja, um lugar onde humanos e não humanos, vivos e não vivos, estão em posição de equivalência e de troca, sendo o ar um elemento de ligação de toda matéria compartilhada pelos corpos, pela paisagem e pelos sonhos.

The belongings of the air, by Musuk Nolte, is a photographic series exploring the forest as a space for the circulation of invisible forces. Developed from the artist's experience with ayahuasca - a brew made from boiling a vine with the leaves of a plant, used for centuries in indigenous and riverside (ribeirinha) cultures for its healing, transformative, and consciousness-altering properties - this work departs from the logic of conventional visual narrative to align itself with an alternative sensory regime.

In this series, the influence of ayahuasca does not appear as a thematic subject; rather, it is embodied within the photographic act itself and the selection of images. Marked by high-contrast black and white, a predominance of verticality, and a preference for tight framing, the photographs suggest a certain sensory disorientation, while evoking the vastness, complexity, and elusive nature of the Amazonian universe.

Within this altered perceptual space, the environment is seen in its multiplicity—a place where humans and non-humans, the living and the non-living, exist in a position of equivalence and exchange, with the air serving as a connective element for all matter shared by bodies, landscape, and dreams.

Distopia

amazônica



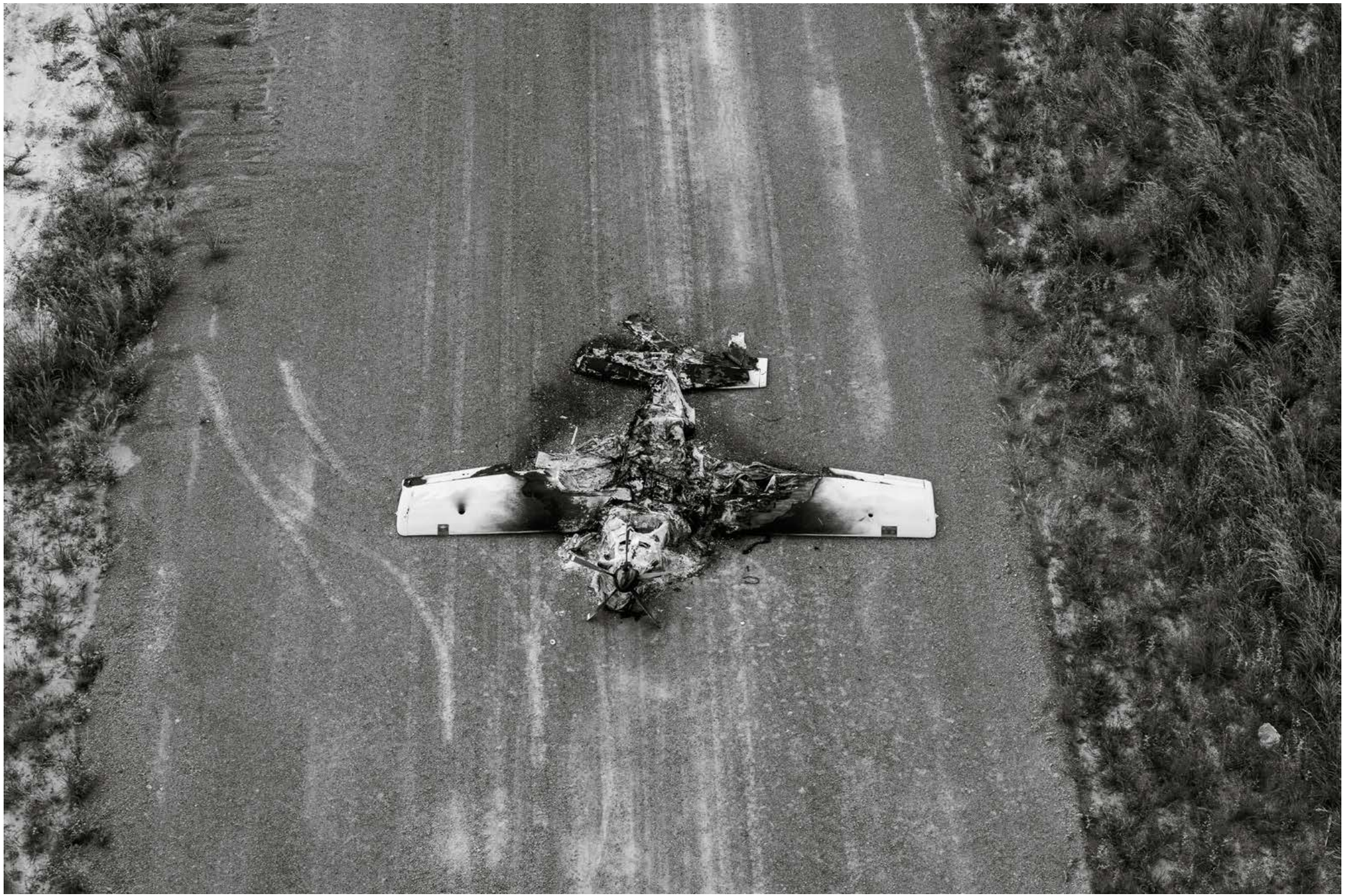
LALO
DE ALMEIDA











LALO DE ALMEIDA (São Paulo/SP, 1970) é um dos mais importantes fotojornalistas brasileiros contemporâneos, com trajetória marcada pela cobertura de temas socioambientais, conflitos territoriais e direitos humanos. Atuando por décadas na imprensa, especialmente na Folha de S.Paulo, construiu uma obra que alia rigor informativo, sensibilidade estética e posicionamento ético.

//

(São Paulo/SP, 1970) is one of the most prominent contemporary Brazilian photojournalists, with a career defined by the coverage of socio-environmental issues, territorial conflicts, and human rights. Working for decades in the press, notably for Folha de São Paulo, he has built a body of work that fuses journalistic rigor, aesthetic sensitivity, and an ethical stance.

Na série *Distopia amazônica*, Lalo de Almeida faz um retrato contundente da Amazônia como território em colapso, onde a paisagem se esquiva da promessa de exuberância e dá lugar à evidência do projeto de devastação. Há décadas, o fotógrafo atua no campo da fotografia documental de longa duração e no fotojornalismo, acompanhando de perto os acontecimentos na Amazônia.

A obra articula a ideia de distopia como condição presente, e não como ficção futurista. Incêndios, áreas desmatadas, garimpos e infraestrutura ilegal são sinais de um mundo em perigo. A série se destaca pelo uso dramático da luz, com a presença recorrente de fumaça, fuligem e atmosfera densa, que conferem às fotografias um caráter espectral, principalmente pelo uso do preto e branco. Os enquadramentos amplos, muitas vezes concretizados em vistas aéreas, dão a escala monumental da paisagem em contraste com a ação humana de impacto profundo.

Mesmo reconhecida como um relevante regulador climático para todo o planeta, sendo composta por uma incrível biodiversidade e abrigando mais de 180 povos indígenas em sua extensão brasileira, a Amazônia segue sofrendo com a ocupação predatória extrativista que perdura desde os tempos coloniais. São imagens como as de Lalo, que oscilam entre o registro documental dos acontecimentos e os momentos de maior poesia, que seguem insistindo em nos mostrar a dimensão dos conflitos que atravessam a floresta.

In the *Amazonian Dystopia* series, Lalo de Almeida delivers a striking portrait of the Amazon as a territory in collapse, where the landscape falls short of its promise of exuberance to reveal the evidence of a project of devastation. For decades, the photographer has operated in the fields of long-term documentary photography and photojournalism, closely following the events unfolding in the Amazon.

The work articulates the concept of dystopia as a present condition rather than a futuristic fiction. Forest fires, deforested areas, illegal wildcat mining, and illicit infrastructure stand as indicators of a world in peril. The series is distinguished by its dramatic use of light, featuring a recurring presence of smoke, soot, and a dense atmosphere that imparts a spectral character to the photographs- heightened by the use of black and white. Wide framing, often materialized in aerial views, lends a monumental scale to the landscape in contrast with the profound impact of human activity.

Despite being recognized as a vital climate regulator for the entire planet—composed of an incredible biodiversity and home to more than 180 indigenous peoples within its Brazilian expanse—the Amazon continues to suffer from predatory extractive occupation that has persisted since colonial times. Images like Almeida's, which fluctuate between the documentary recording of events and moments of heightened poetry, persistently show us the scale of the conflicts cutting across the forest.

Sonhos

Yanomami



CLAUDIA
ANDUJAR







Sonhos Yanomami (2002)

CLAUDIA ANDUJAR (Suíça/Brasil, 1931) é uma das mais importantes fotógrafas do mundo, com uma trajetória marcada pelo engajamento ético, político e estético. Nascida na Suíça e radicada no Brasil, dedicou sua vida à convivência com povos indígenas, especialmente os Yanomami, articulando fotografia e ativismo em defesa de seus direitos e demarcação de suas terras. Sua obra, presente em coleções e museus internacionais, ultrapassa a fotografia documental e incorpora experimentação formal e reflexão crítica, ocupando lugar central na arte contemporânea mundial.

//

(Switzerland/Brazil, b. 1931) is one of the world's most prominent photographers, with a career defined by ethical, political, and aesthetic engagement. Born in Switzerland and based in Brazil, she has dedicated her life to living among indigenous peoples - particularly the Yanomami - bridging photography and activism in defense of their rights and land demarcation. Held in major international collections and museums, her work transcends documentary photography by incorporating formal experimentation and critical reflection, occupying a central place in global contemporary art.

Na série *Sonhos Yanomami*, Claudia Andujar investiga o universo onírico e espiritual do povo Yanomami, aproximando a fotografia de experiências visionárias e rituais xamânicos. As imagens criam equivalência visual para estados alterados de percepção, nos quais corpos, luzes e cores flutuam ou se dissolvem no espaço. O trabalho foi concebido no ateliê da artista, baseado na sobreposição de fotografias do seu acervo, realizadas desde 1971 em diapositivos e negativos em preto e branco.

A estratégia experimental da artista produz imagens instáveis que evocam visão, espírito e força da floresta, conectando fotografia, rituais e sonhos. Ao empregar longas exposições, movimentos de câmera, intervenções na lente, refotografias e camadas de imagens, Andujar rompe com o registro etnográfico convencional e com cânones da fotografia documental. Nas obras aqui apresentadas, a artista constrói uma linguagem radical, capaz de alcançar a dimensão imaterial e cosmológica dos sonhos Yanomami.

A relação da artista com os Yanomami é indissociável de sua prática. Ao longo de décadas de convivência, Andujar estabeleceu laços de confiança e escuta, o que lhe permitiu acesso a rituais, a construção de vínculos íntimos e alianças políticas, bem como a compreensão desse complexo universo simbólico.

In the series *Yanomami Dreams*, Claudia Andujar investigates the oniric and spiritual universe of the Yanomami people, bringing photography into proximity with visionary experiences and shamanic rituals. The images create a visual equivalent for altered states of perception, in which bodies, light, and color float or dissolve into space. The work was conceived in the artist's studio, based on the superimposition of photographs from her archive, captured from 1971 onward on black-and-white slides and negatives.

The artist's experimental approach produces unstable images that evoke vision, spirit, and the force of the forest, weaving connections between photography, ritual, and dream. By employing long exposures, camera movement, lens interventions, rephotograph, and layered imagery, Andujar breaks away from conventional ethnographic documentation and the canons of documentary photography. In the works presented here, the artist constructs a radical language capable of capturing the immaterial and cosmological dimension of Yanomami dreams.

The artist's relationship with the Yanomami is inseparable from her practice. Over decades of shared living, Andujar established deep bonds of trust and listening, granting her access to rituals, the cultivation of intimate ties and political alliances, as well as an understanding of this complex symbolic universe.

As plantas que curam



FLORENCE GOUPIL



As plantas que curam (2020)

FLORENCE GOUPIL (Peru/França, 1990) é uma fotógrafa franco-peruana, cujo trabalho se concentra nas relações em direitos humanos, justiça ambiental e memória viva dos povos indígenas. Sua prática combina pesquisa de campo, fotografia e interesse por saberes não hegemônicos, especialmente aqueles ligados à ecologia, à medicina tradicional e às formas de vida comunitárias.

//

(Peru/France, 1990) is a French Peruvian photographer whose work focuses on human rights, environmental justice, and the living memory of indigenous peoples. Her practice combines field research, photography, and an interest in non-hegemonic epistemologies, particularly those tied to ecology, traditional medicine, and communal ways of life.

***As plantas que curam*, de Florence Goupil, é uma série documental sobre a etnobotânica indígena, que busca compreender a diversidade da flora utilizada e protegida, há séculos, pelo povo Shipibo-Konibo, da Floresta Amazônica peruana. Como relata Goupil, a pandemia impactou gravemente essas comunidades, provocando a perda de anciãos e a interrupção da transmissão de conhecimentos sobre a biodiversidade do território em que habitam.**

A fotógrafa interessa-se pela articulação entre plantas medicinais, saberes tradicionais e práticas de cuidado, usando imagem, pesquisa e escuta. Desenvolvido após encontros com comunidades que preservam um conhecimento ancestral sobre o uso terapêutico das plantas, o trabalho propõe um olhar atento aos modos de transmissão desses saberes, frequentemente baseados na oralidade e na experiência cotidiana.

Apresentamos duas fotografias desta série, imagens em que há forte interação entre corpo humano e vegetal. As fotografias ressaltam a dimensão ecológica e relacional do ato de curar nessas comunidades. O trabalho de Goupil, que alterna retratos, naturezas-mortas e paisagens, busca preservar e celebrar esses conhecimentos e a conexão entre os povos da floresta e as suas plantas. Diante do avanço da modernidade, a transmissão desses saberes encontra-se fragilizada e em risco constante.

The Healing Plants, by Florence Goupil, is a documentary series on indigenous ethnobotanics that seeks to understand the diversity of flora utilized and protected for centuries by the Shipibo-Konibo people of the Peruvian Amazon rainforest. As Goupil notes, the pandemic severely impacted these communities, causing the loss of elders and disrupting the transmission of knowledge regarding the biodiversity of their native territory.

The photographer is invested in the articulation between medicinal plants, traditional knowledge, and practices of care, utilizing image-making, research, and deep listening. Developed following encounters with communities that preserve an ancestral understanding of the therapeutic use of plants, the work proposes an attentive look at the modes of transmission of this knowledge, which is frequently rooted in orality and everyday experience.

We present two photographs from this series—images that demonstrate a strong interaction between the human body and plant life. The photographs emphasize the ecological and relational dimension of the act of healing within these communities. Goupil's work, which alternates between portraiture, still life, and landscapes, seeks to preserve and celebrate this knowledge and the profound connection between the peoples of the forest and their plants. In the face of advancing modernity, the transmission of this knowledge has become compromised and remains under constant threat.

A noite

é

também

um

sol



DANIELA
PAOLIELLO







DANIELA PAOLIELLO (Belo Horizonte/MG, 1988) é fotógrafa e artista visual brasileira, com uma produção marcada pela investigação das relações entre corpo, natureza, fotografia e alteridade. Seu trabalho se aproxima de uma poética do silêncio e da espera, frequentemente incorporando o próprio corpo às imagens. No decorrer de sua trajetória, desenvolve projetos que convidam o espectador a repensar modos de ver e de estar no mundo, afirmando a fotografia como espaço de reflexão sensível sobre a paisagem.
//
(Belo Horizonte/MG, 1988) is a Brazilian photographer and visual artist whose practice investigates the relationships between body, nature, photography, and alterity. Her work aligns with a poetics of silence and waiting, frequently incorporating her own body into the images. Throughout her career, she has developed projects that challenge the viewer to rethink modes of seeing and being in the world, positioning photography as a space for sensitive reflection on the landscape.

A série *A noite é também um sol*, de Daniela Paoliello, trata da experiência do noturno como território sensível, estético e perceptivo, enfatizando a potência das luzes mínimas. Na obra da artista, a obscuridade é o oposto da tela em branco: começa-se, portanto, pela escuridão. A paisagem sem luz é um campo ativo de visibilidade, onde outras formas de atenção, presença e imaginação passam a habitar.

Combinando fotoperformance e registros da paisagem do Parque Estadual da Serra do Cipó (MG), suas imagens convidam o espectador a redescobrirem o território para além da ideia de "paraíso ensolarado", ampliando a relação com a natureza local. As fotografias sugerem o tempo de outro lugar, quase extraterrestre, onde corpos e situações revelam aquilo que normalmente escapa ao olhar diurno, direto e clarificado. A noite é um plano de composição.

Formalmente, a obra se constrói com o uso recorrente de longas exposições, iluminação artificial, contrastes intensos e zonas de indeterminação visual. A longa exposição permite manter a câmera aberta por períodos estendidos, registrando informações que o olho humano não é capaz de perceber. Ao mesmo tempo, Paoliello trabalha nos limites da sensibilidade do próprio aparato fotográfico, exigindo que o olhar do espectador se reencontre e se adapte a esse "novo planeta" visual.

The series *The night is also a sun*, by Daniela Paoliello, explores the experience of the nocturnal as a sensitive, aesthetic, and perceptive territory, emphasizing the potency of minimal light. In the artist's work, obscurity is the opposite of the blank canvas: one begins, therefore, with darkness. The unlit landscape becomes an active field of visibility, where alternative forms of attention, presence, and imagination come to dwell.

Combining photo performance with landscape documentation of the Serra do Cipó State Park (MG), her images invite viewers to rediscover the territory beyond the trope of a "sunny paradise," broadening their relationship with the local environment. The photographs evoke the temporality of an otherworld, almost extraterrestrial, where bodies and situations reveal what typically eludes the direct, clarified daylight gaze. Night functions as a plane of composition.

Formally, the work is constructed through the recurring use of long exposures, artificial lighting, intense contrasts, and zones of visual indeterminacy. The long exposure keeps the shutter open for extended periods, recording information that the human eye cannot perceive. Simultaneously, Paoliello works at the outer limits of the photographic apparatus's sensitivity, demanding that the viewer's gaze reorient and adapt to this "new planet" of vision.

Este livro foi originado da exposição Mundo ≡ Floresta, produzida para o Festival de Fotografia de Tiradentes/ Foto em Pauta 2026, com curadoria de João Castilho e Pedro David, e assistência de curadoria de Gabriela Sá.

A exposição foi apresentada no Centro Cultural Yves Alves, Tiradentes, de março a abril de 2026. E na CâmeraSete - Casa da Fotografia de Minas Gerais, Belo Horizonte, de abril a agosto de 2026.

This book stems from from the exhibition Mundo ≡ Floresta, produced for the 2026 Tiradentes Photography Festival / Foto em Pauta, curated by João Castilho and Pedro David, with curatorial assistance from Gabriela Sá.

The exhibition was on view at Centro Cultural Yves Alves, Tiradentes, from March to April 2026, and at CâmeraSete – Casa da Fotografia de Minas Gerais, Belo Horizonte, from April to August 2026.

Artistas Artists
Cássio Vasconcellos
Claudia Andujar
Daniela Paoliello
Florence Goupil
Frans Krajcberg
Labō Young & Igor Furtado
Lalo de Almeida
Musuk Nolte
Siân Davey

Organização Organization
João Castilho e Pedro David

Coordenação Editorial Editorial Coordination
Eugênio Sávio

Produção Executiva Executive Producer
Gabriela Sá

Projeto Gráfico Graphic Design
Isabel Santana Terron

Revisão de Texto Proofreading
Vera Lúcia di Simoni

Versão para o inglês English Version
Luciana Tanure

Impressão Printing
Rona Editora

Agradecimento Acknowledgment
Artmosphere Fine Art
Espace Krajcberg
Estúdio 321
IPAC/SECULT - Governo do Estado da Bahia
Fundação Clóvis Salgado
Galeria Vermelho
Sofia Fan

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mundo≡Floresta / organização João Castilho,
Pedro David. -- 1. ed. -- Belo Horizonte, MG :
Foto em Pauta, 2026.
96 p. : il. fot. color e pb. ; 24 cm.

Vários autores.
ISBN 978-65-989553-1-1
Textos em português e inglês.

1. Ecologia 2. Fotografia 3. Florestas 4. Meio ambiente - Preservação 5. Natureza I. Castilho, João. II. David, Pedro.

CDD 770

Índices para catálogo sistemático:
1. Fotografia 770

Livia Dias Vaz - Bibliotecária - CRB-8/9638

Imagens da Capa Cover images
© Claudia Andujar
© Cássio Vasconcellos

© Foto em Pauta, 2026

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução desta obra ou parte dela, por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou outro meio de reprodução, sem a permissão expressa dos autores. O conteúdo das imagens publicadas neste livro é de inteira responsabilidade do autor.

All rights reserved. No part of this publication may be reproduced in any form by electronic, mechanical or others means without permission by the authors. The contents of the images published in this book are the sole responsability of the author.

Tiragem Printing run 450
Papel Paper Artic Volume White 130g
Impresso em setembro de 2026
Printed in September 2026

siga nosso instagram:
@fotoempauta

ACESSIBILIDADE

Os recursos de acessibilidade desta publicação estão disponíveis por meio do código QR ao lado. Aponte a câmera do seu dispositivo móvel conectado à internet para acessá-los.

Lei Rouanet

PATROCÍNIO

CBMM itaú

APOIO

Estado da Bahia | SECRETARIA DE CULTURA
CANSON
artmosphere

REALIZAÇÃO

FOTO EM PAUTA
MINISTÉRIO DA CULTURA



9 786598 955311

